

DEFINIR O INIMIGO

● *Reunião do Presidente Samora com elementos da*



Poucos dias antes do 7 de Abril, Dia da Mulher Moçambicana, o Camarada Presidente Samora efectuou uma importante reunião com elementos da OMM. O objectivo da reunião foi equacionar os principais problemas da mulher e razões da pouca eficácia actual da OMM, para posterior definição conjunta de prioridades e estratégia no combate pela verdadeira emancipação da mulher moçambicana. Convidado pela Secretária-Geral da OMM a iniciar os trabalhos, o Camarada Presidente proferiu de improviso a intervenção que a seguir transcrevemos na íntegra, em que abordou e descreveu detalhadamente as principais dificuldades da mulher de um modo geral, e da mulher moçambicana em particular.

Presentes à reunião cerca de 300 elementos da OMM de todos os distritos da Província do Maputo, ligadas a empresas, repartições de Estado, bairros e Destacamento Feminino, Deolinda Guezimane, Secretária-Geral da OMM, Alberto Chipande e Jorge Rebelo, membros dos Comités Central e Executivo da FRELIMO, Óscar Monteiro, do Comité Executivo e Graça Simbine, Ministro de Educação e Cultura.

INIMIGO DA MULHER

OMM



Uma das preocupações fundamentais da FRELIMO é a mulher moçambicana, o problema da mulher moçambicana. Um dos problemas que mais preocupa a nossa Organização é emancipação da mulher moçambicana.

Primeiro, que tipo de combate deve ser desencadeado para que a mulher liquide os males que a oprimem. Definir quem são os inimigos essenciais da mulher em

geral e da mulher moçambicana em particular. O inimigo. Analisemos o nosso processo de crescimento: Crescemos igualmente ou há desequilíbrio no processo de crescimento? Em Moçambique, o homem está mais desenvolvido do que a mulher ou estão todos eles, o homem e a mulher, ao mesmo nível?...

Trata-se de analisar o crescimento mental e não de crescimen-

to físico, crescimento da nossa consciência, da nossa tomada de consciência sobre os problemas nacionais, sobre os problemas da humanidade, sobre os problemas da nossa sociedade. Se temos o mesmo grau ou não. Quais os factores que permitiram ao homem ser pouco mais desenvolvido que a mulher? Quais os obstáculos que impediram e continuam a impedir o crescimento da mulher

moçambicana, para tomar consciência da situação?

DEFINIR O INIMIGO

Parece que entraremos como base na divisão de tarefas. Há um certo trabalho que impulsiona o crescimento da nossa consciência, impulsiona o desenvolvimento do cérebro do homem. Esse trabalho é que permite a tomada de consciência tomada rápida de consciência de que somos vítimas de qualquer coisa. Em geral, todos nós somos oprimidos, todos nós eramos colonizados todos nós somos. Mas o explorado gosta de ter o seu explorado muitas das vezes. O oprimido gosta de ter o seu oprimido. Esta é para nós a questão central. A definição correcta do nosso inimigo.

Que tipo de combate devemos realizar para liquidar o nosso inimigo. Diríamos neste momento: quem é o inimigo da mulher em

geral, e quem é o inimigo da mulher moçambicana? Para se libertar o que é necessário? E analisariamos então a situação da mulher do Rovuma ao Maputo.

Para realizarmos qualquer tarefa necessitamos de instrumentos. Quando fundámos a Frelimo, estávamos a criar o instrumento para a liquidação do colonialismo, para lutar contra o colonialismo. Quando a FRELIMO definimos que tipo de organização deve ser a FRELIMO. Parece que é o ponto central quando se cria uma organização. Que tipo de organização e quais devem ser as suas tarefas. Para ser uma organização revolucionária deve-se possuir características essenciais: onde há tribalismo não há progresso; onde existem elementos conservadores, conservadores, não há revolução; onde existe tradição os tradicionalistas não há progresso. Só há reaccionários. E nós verificamos que há muito conser-

vadorismo no nosso país. Sobre tudo ao nível da mulher. Há muita tradição no seio da mulher, há muito divisionismo no seio da mulher há muito desprezo e discriminação no seio da mulher. Assim a Organização não pode ser revolucionária. Discriminação, regionalismo, diríamos mesmo, localismo, no seio da mulher. A mulher deve ter valores para vocês, e em todo o nosso país, consoante a sua origem, a sua região, a região onde nasceu.

Classificamos. Começando a olhar um pouco por cima. A primeira coisa saber: «é natural de onde?» Então classificamos o seu grau. Não é a consciência é a região onde nasceu.

Depois diremos: é filha de quem? São estes os maiores obstáculos ao desenvolvimento da mulher. Talvez devido à falta de contacto com realidade, com as tarefas essenciais.

São essas tarefas que abala-



riam o sistema de pensamento das mulheres.

Quando nós conhecemos o pai, então, respeitamos. A tendência no seio das mulheres e também dos homens é de respeitar os exploradores. As filhas dos grandes exploradores são admiradas. Admiramos os exploradores e desprezamos os que produzem as riquezas.

COMO NASCE A OMM

E portanto nós, embora um pouco tarde, queremos — Primeiro: investigação no seio da mulher moçambicana. A nossa tarefa essencial: Balança de actividade desde que a Organização da Mulher Moçambicana foi criada. Para que possamos estabelecer estatutos, programas e definição de tarefas, para a mulher moçambicana. Nós criamos a OMM como braço mais comprido, o braço que organizaria a mulher mais afastada do nosso país, que atingiria a mulher nas regiões mais remotas do nosso país mais abandonada. Nós criamos a organização da mulher na certeza absoluta de que só com a evolução, com o desenvolvimento com a emancipação da mulher nós levaríamos vitoriosamente as nossas tarefas revolucionárias. Estávamos conscientes de que a mulher é a responsável de todas as gerações. É a mulher que está em contacto permanente com as crianças. É a mulher que transmite as ideias revolucionárias às crianças devido ao seu contacto e à sua responsabilidade particular. A Organização da mulher não foi criada naquele espírito, naquele modelo das organizações de mulher burguesas com ideias corruptas. Não era para uma classe. Mulher moçambicana é expressão mais viva da nossa classe, classe dos oprimidos, classe dos trabalhadores, classe dos camponeses. Criamos a OMM para dar a imagem verdadeira da mulher moçambicana, da sua personalidade da sua dignidade. Por isso impunha-se e impõe a luta sem tréguas contra os males criados pelo colonial capitalismo. E, para isso, impõe-se também a liquidação da divisão que existe, a liquidação do desprezo que existe no seio da mulher moçambicana, a fim de podermos tratar de maneira correcta as nossas tarefas.

Definirmos de uma maneira correcta o nosso inimigo. Quem é o nosso inimigo? Quem é o inimigo da Mulher? Nós conhecemos os particularismos da mulher e conhecemos algumas especificidades da mulher. Mas por outro lado também conhecemos as suas potencialidades as suas capacidades que constituem a base positiva para ela se erguer e lutar de maneira firme. Pensamos que a vossa Organização... A vossa Organização... Eu não quero avançar nenhuma ideia. Primeiro quero investigar. Vim aqui para ouvir de vocês: quais são os vossos problemas, os problemas da mulher. Eu não vim aqui para dar palestra. Vim para escutar, para aprender os problemas da mulher. As dificuldades que as mulheres encontram.

O CONFLITO

Uma das características da mulher são complexos. Os complexos de inferioridade que destroem a sua capacidade de iniciativa. E nós compreendemos. É o resultado de tantos traumatismos, que a mulher foi vítima ao longo de muitos anos. Aí não há branca, não há preta, não há mulata. Toda a mulher tem os seus complexos. Na Europa encontramos os mesmos problemas. Na América do Sul, na América Latina e em África, encontramos os mesmos problemas. Tem um ponto comum os problemas da mulher: o estado de conflito, muitas das vezes, espírito de conflito. Uma pilha de conflito. Incapacidade ao mesmo tempo de detectar e separar os casos. Há uma mistura de casos. E isso daria à mulher a sua tarefa essencial. Deixa de ser activa e para passiva. Por causa dessas situações de intranquilidade, espírito de dependência, espírito de insegurança. O conflito desvia a mulher muitas das vezes das tarefas essenciais. Incapacidade então de definir a prioridade das tarefas. De definir as suas tarefas essenciais. Por causa dos «problemas pessoais», por causa dos problemas individuais.

As mulheres podem criar conflitos entre elas com muita facilidade. Tem essa facilidade. E não tem a facilidade de eliminar os problemas no seio delas. O problema de criar problemas é muito



fácil. Hoje estamos aqui, mas uma é capaz de virar a cara, porque está ao lado uma «inimiga» dela. E se nós perguntarmos: é porque as crianças lutaram lá em casa... É ou não é? (É). Apesar da imprensa estar aqui vamos falar com muita seriedade. Às vezes, por causa dos homens. E este é o ponto, muitas das vezes. Por causa de nós os homens... Não é?... Aí lutam, mordem-se, batem-se com o pilão...

Essa é a tarefa prioritária? Onde está a Reconstrução Nacional? Eu vi, não quero fazer discurso, falarei depois. Primeiro queria ouvir os problemas da mulher. Porque há uma necessidade... Nos anos 62, 63, a nossa Revolução ainda não tinha revelado que a mulher é um potencial. É uma energia inesgotável de imaginação, é uma fonte.

Eu penso que nesta reunião teremos dificuldades de tocar nos problemas essenciais. As ideias entre vocês mulheres, as idades constituem problemas. É ou não é?

DIVISÃO NA BASE DA IDADE

Primeiro as velhas; depois as recém-casadas. Em terceiro lugar aquelas que têm um filho ou dois (Ntiwulani) e que não podem, ainda, entrar no grupo das «mas-sungukati» (adultas). Este grupo de mulheres casadas com seis fi-

lhos — «essas é que sabem tudo; conhecem a vida» Em princípio não podem discutir com as outras. «Porque estas outras são crianças». Aqueles têm aí 60 anos não falam com as que «ainda produzem crianças».

Assim, dividindo, temos: em primeiro lugar as «massungukati» (adultas): depois vem o grupo de «wamamana» as mães; as «wamamanhana» (mães jovens); o grupo de «ntiwulani» (mães pela primeira vez) e o grupo «wahnuanhana» (menina). Esses

com a mulher. Por que é que há-de ser a mulher a lutar com o marido e o homem a lutar com a mulher?

Nós queremos aqui fazer um balanço das nossas actividades. A nossa Organização realiza verdadeiramente as tarefas ou não?

O Comité Central, reunido de 11 a 27 de Fevereiro estudou com muito cuidado as questões da O. M. M.; estudou com muito cuidado a questão do Destacamento Feminino. O Destacamento Feminino constitui, como foi definido

lonialistas e estruturas capitalistas. Mas, para destruímos essas estruturas, necessitamos, em primeiro lugar, de conceber a nossa tarefa; de compreender a nossa tarefa e de assumir a nossa tarefa.

Continua a existir ainda, a tendência de valorizar as ideias estrangeiras. Continuam no nosso seio algumas mentalidades escravas ao estrangeiro a gostar dos valores estrangeiros.

Continua a existir o banditismo no nosso país. Para destruir



grupos todos são padrões. Para as mulheres são sabedoria.

E, agora não sei se aqui vamos discutir realmente, porque há algumas que são meninas, algumas têm 18 ou 20 anos. Não sei se podemos discutir, realmente, porque as «massungukati» (adultos) são para dar lições de experiência. Mas qual experiência? De como tratar a casa. É essa experiência?—E de como obedecer; nunca lutar com o marido. Mas o homem também não pode lutar

em 1973, a fonte dos quadros para a OMM é o reservatório.

Como é que a O.M.M. e o Destacamento Feminino vão coordenar? Penso que no ano de 1976, porque queremos realizar as tarefas essenciais da Reconstrução Nacional, é de novo chamada a O.M.M. para as tarefas da Reconstrução Nacional. E quais são essas tarefas da Reconstrução Nacional?

A primeira tarefa essencial é a destruição das estruturas co-

mos o banditismo no nosso país, é necessário que nós compreendamos e assumamos a tarefa de dar prioridade à política. Existe ainda no nosso país, grupos de ladrões. Existem ainda grupos no nosso seio de criminosos assassinos, que foram criados pelos colonialistas. Existe ainda no nosso seio, os ex-Pides que nós não temos capacidade de denunciá-los, neutralizá-los. Porque vivemos ainda desorganizados. E vivendo desorganizados não pode-

mos realizar as nossas tarefas. Ao nível das fábricas ainda não estamos organizados, porque não temos estruturas ao nível da Organização da Mulher Moçambicana.

VIVER ORGANIZADOS

Ao nível dos hospitais não vivemos organizados. Ao nível das escolas não vivemos organizados. Ao nível dos bairros não vivemos organizados. E assim, não temos a noção do que é o trabalho colectivo.

Existe ainda o alcoolismo na nossa sociedade. Onde há o alcoolismo há crimes. Onde há alcoolismo, há desvalorização do homem, da pessoa. A pessoa transforma-se em objecto. O álcool destrói o cérebro do homem. É o cérebro que fabrica as ideias. O álcool cria a preguiça, a ociosidade. Onde há ociosidade significa que existe enferrujamento das nossas ideias. Não adquirimos ideias novas. Há ferrugem e onde há ferrugem significa que há corrupção ideológica.

Por outro lado, não existe ainda o sentido de família no nosso seio. Família, a origem da família. O sentido da família. Ainda não há. Por isso, assistimos a casos de poligamia, divórcios, e assistimos ao que chamamos adultério.

Existe, vamos lá, na sociedade o que há de mais degradante, mais humilhante: a prostituição no nosso país. Isso significa a desonra do país. E porque existe isso na nossa sociedade? E como vão avançar as mulheres apegadas a estas ideias? Nós ainda não encontramos a mulher que seja capaz de desencadear o combate contra esses males.

Existem a nível do campo rural, a ignorância, o analfabetismo. Existem em grande escala, no nosso país, os chamados ritos de iniciação. A criança basta ser submetida a esses ritos de iniciação e considera-se mulher adulta, que está pronta. Não pela idade, mas porque já recebeu lições de que é adulta. A preocupação central não é estudar a sociedade. É estudar a vida até encontrar o homem. Transferir-se do pai, para o novo pai.

Ainda existem casamentos forçados. Ainda existem casamentos escolhidos pelos pais. Não há

consciência do encontro do espírito entre o homem e a mulher, ainda. Mas nós temos tarefas enormes no nosso país ainda. E ainda temos vergonha de mostrar a nossa cultura. De valorizarmos a nossa cultura. Porque somos assimilados. Ainda existem em grande escala os assimilados.

Têm saudades do alvará, têm saudades do bilhete de identidade, aquele que foi dado pelos colonialistas. Que o distinguiu do resto da população. Têm saudades da sua antiga classe, classe de intermediário, entre capitalistas, entre exploradores, entre opressores e o resto da população. Não se sentia bem quando estava ao lado do capitalista porque se sentia inferior, não se sentia bem quando estava com a população porque se sentia superior. Isso ainda existe no nosso país.

Há confusão no seio das mulheres e dos homens mesmo. Do que é a modéstia e a simplicidade. Que confundem com libertinagem e liberalismo.

Assistimos hoje, homens e mulheres com cabelos compridos e sujos. Dizem que é ser simples e moderno. Assistimos a casos de pessoas com possibilidades, a andar de chinelos, unhas compridas e sujas, cheios de «mataquenha». Dizem que é para ser igual ao povo. Ser do nosso povo é andar sujo?

Primeiro, desencadaremos campanhas contra esses que andam de cabelo comprido, barbas sujas. Nós não vencemos a guerra para semear a anti-higiene no nosso país.

Assistimos ao nível dos alunos nas escolas: utilização de drogas, abuso de sexo, cigarros nas escolas. E alguns professores fomentam isso. «Porque é Governo da Frelimo. O Governo da Frelimo a sua característica é a indisciplina».

Assistimos, por aí fora, a professoras que fazem dos alunos adultos, seus amantes. Assistimos, também, a alguns professores que fazem das alunas já crescidas, suas mulheres e suas amantes.

Assistimos a situações bastante vergonhosas, que humilham, desprestigiam a FRELIMO. Desprestigiam a mulher moçambicana.



Assistimos a nível dos hospitais nos fins-de-semana, bailes organizados com muita bebida alcoólica, dançam, vão apagando as luzes, vão tirando a roupa, dançam e bebem nús. Como é que se diz isso? Bacanais? Existem no nosso país, deixados pelos colonialistas. E gostam. A nível dos hospitais. Gostam. Fazem. Existe essa prática. Vocês já viram alguma vez? Não? Mas existe nos hospitais. Trazem bebidas, juntam-se lá. Todo o pessoal. Dançam. Vão bebendo... e quando chega à uma hora, duas da madrugada, começam a tirar a roupa, vão diminuindo as luzes, e finalmente, todos ficam nús, dançam e bebem. São civilizados.

Orgia. Nós combatemos isso. E a mulher não combate contra isso. Cabarés, boites aqui a nível de Maputo, Beira, Nampula, onde havia concentração da tropa colonialista, da tropa de opressão. E os nossos moçambicanos, as nossas moçambicanas continuaram a ter saudades, porque foram-se embora aqueles que traziam a civilização avançada. Viam-se mulheres com três, quatro homens ao mesmo tempo. Agora existe ou não existe isso? Existe. E gostam.

Como vamos lutar contra isso tudo?

O que é que impede a mulher

de avançar? Acompanhar a Revolução? Ser elemento dinâmico, ser elemento difusor das ideias? Ser o elemento que aplica e vive a linha da Organização? Ser elemento que vive preocupado, sempre em defender a Revolução, em transformar a sociedade?

É por isso que pensamos que é uma necessidade, uma exigência, condição essencial, a realização neste ano, da Segunda Conferência da Mulher Moçambicana.

Durante a Luta de Libertação Nacional, tínhamos duas zonas: Uma zona controlada pela FRELIMO, e a outra, controlada pelo inimigo. Na zona da FRELIMO, a sua tarefa essencial, nessa zona, era acelerar a transformação da mulher moçambicana em agente activo, agente revolucionário. Elemento novo na sociedade. Elemento responsável pela sociedade. Era um agente educador, modelo. Porque existe a nossa ferramenta, que era a crítica sincera e profunda. Nós nascemos da crítica profunda e sincera.

Periodicamente, fazíamos a análise profunda da nossa situação, definição das nossas tarefas. Purificação periódica das nossas próprias fileiras. Trazíamos constantemente elementos novos, a que nós chamávamos oxigénio, sangue novo para revigorar o sangue intoxicado.

O jardineiro que procurasse trazer parasitas para o seio do seu viveiro era imediatamente afastado. Agora, vocês têm de descobrir novos elementos no vosso seio. Novos elementos.

No contexto actual, na fase presente são poucos esses elementos. Reduzidíssimos. Constituem uma gota no seio de um oceano.

Havia, durante a Luta de Libertação Nacional, uma luta de dois sistemas: Ideias erradas e ideias correctas. As ideias correctas venceram as ideias erradas. Mas, essas ideias erradas vivem em certas pessoas. Sobre tudo, nas regiões em que a Luta Armada, a Luta Armada que é o agente transformador e acelerador do processo revolucionário não abalou os esquemas mentais.

Por isso, há a necessidade de saber como fazer a Revolução, Teremos de fazer então a Revolução de purificação. Lutamos contra o inimigo, o inimigo fisi-

co e lutamos contra o inimigo moral. Agentes morais. E vencemos. E essas condições, são favoráveis para o triunfo sobre essas ideias erradas. São condições favoráveis para o triunfo da nossa Linha Política, ao nível da Nação, do Rovuma ao Maputo. Engajemo-nos nessa batalha, sem hesitação.

O QUE SOMOS HOJE

O que somos hoje? Como agente acelerador, o que temos? A Luta Armada acelerava o processo com muita rapidez. E hoje, qual é esse acelerador? Qual é o nosso agente transformador? Qual é o nosso agente transformador? Qual é? Já não há Luta Armada. Mas transformamos a Luta Armada em Revolução. E que significa a Revolução? O que é a Revolução. Onde há Revolução há reacção, não é? Onde há exploração, opressão, há Revolução.

Traçamos a nossa via. Via de desenvolvimento económico em Moçambique. E dizemos: «a participação da Mulher Moçambicana em todos os sectores de actividade é condição essencial para o triunfo da nossa Revolução. É condição essencial para o avanço da nova sociedade que nós queremos criar».

Não podemos permitir a coexistência de duas sociedades, porque essas duas sociedades são diametralmente opostas.

Agora perguntaríamos: porque é que a vossa Organização não avança? Primeiro, ao nível do Maputo. Houve altura, — vamos

lá dizer — durante o Governo de Transição, que havia muita agitação, muitos comícios, muitas reuniões. Desde que proclamamos a Independência, nunca mais houve nada, principalmente aqui a nível de Maputo. O que é que há?

Dizem que alguns membros da O.M.M. são curandeiras. Ouvi dizer, talvez seja uma provocação, não sei, mas ouvi dizer. São curandeiras e membros da O.M.M. Superstição e Revolução. Mas gostaríamos que nos indicassem algumas aqui, para ver se continuam supersticiosas.

Vocês continuam supersticiosas, vocês continuam tribalistas tradicionalistas, regionalistas. Isso significa que estão confusas. Pessoas confusas, são perigosas. E, pessoas perigosas, são reaccionárias.

Vocês não assumem a dimensão da Revolução, a grandeza das vossas tarefas na Revolução, por causa do tribalismo, por causa da tradição, da superstição, e do regionalismo. Portanto, se vamos formar grupos tribais, não haverá Organização da Mulher Moçambicana. Em nenhuma parte. Haverá, sim, grupos tribais da mulher moçambicana. Haverá grupos das mulheres assimiladas.

Também haverá ainda, grupos da elite, de mulher instruída. Depois haverá grupos da mulher analfabetas. «mamana». Haverá ainda um certo grupo de mulheres com outra vocação. Vamos começar a publicar as suas fotografias. Grupos de pretas e mulatas que dizem ser muitas e mui-



tas e afirmam: «Não podemos viver aqui em Moçambique. Como é, como é que vamos viver? Agora, aqui em Moçambique, não há bailes, não se dança agora em Moçambique». Mas nós dizemos: «Agora é que se dança em Moçambique».

Mas há grupos aí que dizem que agora não se dança. Não sei o que querem dizer com isso. Dizem que algumas mulheres moçambicanas quando estão no seu estado (gravidez), viajam para Portugal, para a criança nascer em Portugal. Há ou não há essas mulheres? Assim não construiremos a nossa nova sociedade.

A NOVA SOCIEDADE

A nova sociedade é constituída por mulheres de todas as raças e cores. Essa é que é a característica de Moçambique. A característica essencial desta nossa nova sociedade. Mulheres de todas as raças e de todas as cores. Aqueles que morrem, sofrem, vivem e participam na Reconstrução Nacional. Luta pela edificação da Nova Sociedade. Não é a cor que define quem deve ser moçambicano. Não.

Portanto, eu queria perguntar quais são os problemas que existem ao nível da província de Maputo. Das outras províncias, temos tido relatórios, mas ao nível do Maputo, quais são os vossos problemas, realmente, para podermos discutir, e organizar. Portanto, podemos falar ou não podemos? Está ali o Destacamento Feminino, que também tem muitos problemas, e vão contá-los aqui.

Para começar, há uma série de problemas. As mulheres, a nível nacional, nunca se reuniram para valorizar as nacionalizações das escolas. Já analisaram as vantagens da nacionalização das escolas? Ainda não se reuniram para ver as vantagens e o abalo por parte, da burguesia quando nacionalizamos os hospitais.

Sabemos que há sabotagem. Sabotagem ao nível dos hospitais, para provar que só a medicina privada é que tem valor. E recebemos propostas de formação de médicos, formação de enfermeiros. Não há médicos. Mas o povo não analisa isso, que são conquistas da Revolução, que são coisas essenciais para satisfazer

o mais elementar direito do nosso povo.

A educação. A educação é onde está a nossa personalidade. É por isso que os assimilados se sentem ligados ao colonialismo. É por causa da educação que receberam. É a educação que nos dá a personalidade. A personalidade de um povo está na educação. A formação do Homem Novo está na educação. A formação da mentalidade nova está na educação. A formação da sociedade nova está na educação. Por isso mesmo, não podíamos continuar a depender, a sermos «balkanizados» pelos capitalistas, pelos colonos burgueses, que fizeram da nossa ignorância, minas de ouro.

A educação não é um privilégio. Andar no Liceu não é privilégio. Andar na Universidade não é privilégio. É uma necessidade. É uma exigência. E por isso para nós, é uma das conquistas da Revolução. O pobre tem que ir à escola. A escola é para o pobre -essencialmente.

O pobre está hoje descalço? Sim. Amanhã estará calçado. Precisamente, ele tem de ir para a escola para saber como fabricar os seus sapatos. Na escola, não tem merenda para comer durante o recreio, mas isso ajudará precisamente a saber como produzir. Vai estudar para saber produzir. Os seus estudos serão mais tarde o pão e os sapatos.

Mas esta condição constitui alegria para os burgueses. Eles sabendo que existem pessoas que não têm merenda na escola, que vão à escola descalços, e por isso fechavam as portas dizendo que você não entra descalço.

Nos hospitais porque nacionalizamos a medicina privada sabemos que hoje já não há mantas para dar aos doentes. Já não há lençóis, temos de trazer de casa, temos de trazer a manta de casa, que é para provar que quando havia hospitais privados havia higiene nos hospitais. Queremos dizer, falta de organização, falta de planificação, incapacidade dos dirigentes dos hospitais.

Nas zonas de guerra, os nossos hospitais não tinham sabão. Não tínhamos lençóis, não tínhamos nada, mantínhamos limpos os nossos hospitais. Havia higiene nos nossos hospitais porque, primeiro, o enfermeiro e o médico



tinham amor e sabiam o valor da vida de uma pessoa. Esses desprezavam o valor do dinheiro e não da vida de um ser humano.

Também dizemos que a terra pertence ao povo. Aqui alguém tem terras? Não? Bem, é por isso que essas pessoas querem ir para Portugal. Do vosso dinheiro que roubaram durante muitos anos, querem ir comprar terrenos em Portugal. Aqui não há compras de terreno. E aqui em Moçambique dizemos: «Pulga e percevejo tirai o vosso bico da carne do Homem».

Hoje, nacionalizamos os prédios. Quem é que ficou prejudicado com isso? Quem é que foi, levante o braço? Quem tinha prédios, quem vivia nos prédios. Agora vocês vão viver para os prédios, não vão? Querem ou não querem ir viver para lá? Está bem. Mas é preciso manter a cidade limpa. Não queremos capulanas estendidas nas varandas dos prédios.

Cabe às mulheres organizarem a tarefa da limpeza das nossas cidades. É preciso ter higiene nas vossas residências. Em qualquer sítio. Manter a cidade limpa. Cabe principalmente à mulher essa tarefa. Vamos desligar o homem das fábricas para virem varrer?

Agora termino aqui pedindo as vossas intervenções porque eu vim para aprender também. Vim para aprender com vocês. Contem os vossos problemas os mais pequeninos que sejam. Correcto? É que se não falarem eu retiro-me.